



## **TATIANA SLAMA-CAZACU: LINGUISTA ECOSSISTÊMICA AVANT LA LETTRE**

Ubirajara Moreira Fernandes (Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista)

Le langage a commencé, au cours de ce siècle, à être considéré de plus en plus comme un phénomène très complexe, à l'étude duquel doivent collaborer différentes disciplines (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 309).

**Resumo:** O objetivo deste artigo é expor algumas das principais ideias da psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu a fim de mostrar que ela pode ser considerada uma precursora da versão da linguística ecossistêmica. Vê-se que desde o início de sua carreira ela via a língua como interação, certamente influenciada pelas ideias marxistas que eram impositivas em seu país até 1989, não pelas de Humboldt, o que é mais comum de acontecer. Mas, suas ideias antecipam muitos outros conceitos ecolinguísticos. É o caso da multidisciplinaridade, valorização do contexto e o fato de na interação comunicativa entrarem também ingredientes não linguísticos. Por fim, ela trabalhou muito a “estrutura do diálogo”, que preferimos chamar de organização do diálogo.

**Palavras-chave:** Tatiana Slama-Cazacu; Psicolinguística; Língua como interação; Contexto; Multidisciplinaridade.

**Abstract:** The objective of this article is to present some of the main ideas of the Romanian psycholinguist Tatiana Slama-Cazacu in order to show that she can be considered a precursor of ecosystemic linguistics. One can see that since the beginning of her career, she saw language as interaction, certainly influenced by Marxist ideas that were obligatory in her country until 1989, not by Humboldt, what is more usual. But, her ideas anticipate many other ecolinguistic concepts. This is the case with multidisciplinarity, valuing the context, and the fact that non-linguistic ingredients also enter into communicative interaction. Finally, she worked a lot on “dialogue structure”, which we prefer to call dialogue organization.

**Key-words:** Tatiana Slama-Cazacu; Psycholinguistics; Language as interaction; Context; Multidisciplinarity.

### 1.Introdução

Gostaria de começar este artigo reproduzindo o que foi dito em Couto (1999) sobre o livro de Tatiana Slama-Cazacu *Limբaj և context* (linguagem e contexto), de 1959, época em que a própria ecolinguística ainda não havia decolado: “Devo salientar que Haugen e Mackey foram pioneiros na abordagem ecológica da língua de um ponto de vista explícito. Eles foram os primeiros a usar o termo ecologia explicitamente no âmbito dos estudos linguísticos. No entanto, implicitamente há outros precursores, ou seja, autores que na prática fizeram aproximadamente o que requer uma abordagem ecológica, embora não tenham usado a palavra ecologia. Um exemplo é Slama-Cazacu (1961). Apesar do fato de considerar seu trabalho como pertencente ao âmbito da psicolinguística, na verdade o que ela fez foi ecologia linguística. Com efeito, ela abordou a língua não apenas em sua autoecologia mas também em sua sinecologia. E o que é mais, ela foi estreitando o âmbito da análise, chegando a ecossistemas (subsistemas) menores, sempre levando em conta tanto sua autoecologia quanto sua sinecologia. Ela chega a formular uma lei, que chama de “lei da determinação pelo conjunto”. Essa lei é complementada pelo “princípio de adaptação ao contexto”, ao qual Slama-Cazacu (1956) é inteiramente dedicado. O capítulo 5 (p. 101-102) do livro *Limբaj և Context* é inteiramente dedicado às ideias de Slama-Cazacu sobre a importância do contexto para o entendimento da linguagem. Infelizmente, ao que tudo indica, seu trabalho não teve seguidores” (cf. COUTO, 2017, p. 12).

É importante de ressaltar também que este artigo sobre as ideias linguísticas da romena Tatiana Slama-Cazacu tem muito a ver com o de meu amigo Márcio M. G. Silva sobre o também romeno Eugenio Coseriu, também neste número de *ECO-REBEL*, embora Slama-Cazacu seja uma psicolinguista formada no contexto do marxismo e Coseriu seja um estruturalista que começou sua carreira interpretando ideias de Ferdinand de Saussure. Os dois autores defenderam ideias que atualmente são parte do arcabouço teórico da ecolinguística. Embora ambos sejam romenos de nascimento, cada um deles tomou um rumo bem diferente do outro: a carreira acadêmica de Slama-Cazacu decorreu toda na própria Romênia, mas Coseriu desenvolveu toda sua pesquisa fora de seu país natal.

Tatiana Slama-Cazacu nasceu em 25 de janeiro de 1920, em Bucareste, e faleceu em 4 de abril de 2011, na mesma cidade. Fez o ensino médio no liceu Domnița Elena e os estudos superiores na

## ECO-REBEL

Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Bucareste, tendo se licenciado em Letras, Filosofia, Psicologia e Filologia Moderna.

O regime comunista em que Slama-Cazacu viveu grande parte de sua vida lhe criou muitas dificuldades, inclusive na defesa de sua tese de doutorado em psicologia com o título de *Limbar și context*, em 1949, cuja banca não foi “aprovada” e a defesa teve que ser adiada. Mais tarde ela saiu como livro com o mesmo título, como já dito acima. Finalmente ela obteve o título de doutora em psicologia em 1966. Em 1969 obteve o título de doutora em ciências perante uma banca de que fazia parte o conhecido filólogo Iorgu Iordan. Nesse período, exerceu diversas atividades. Foi aprovada no exame de tradutora de e para francês e italiano. No período de 1968 a 1980 foi readmitida na universidade, após ser elogiada por especialistas soviéticos. Teve várias atividades podadas pelo regime comunista, mas em 1980 Slama-Cazacu foi nomeada professora da Universidade de Paris Sorbonne, embora tenha tido permissão para sair da Romênia por apenas quatro meses. Essa visibilidade no exterior parece ter levado as autoridades locais a reconhecerem seu valor.

### **2. Início da carreira de psicolinguista**

Slama-Cazacu não é muito conhecida pelos linguistas americanos e praticamente ignorada pela geração atual de linguistas, até mesmo pelos psicolinguistas. No entanto, ela teve uma atuação bastante intensa desde o nascimento da psicolinguística que, em suas palavras, era uma espécie de interdisciplina entre psicologia e linguística, a ponto de ela, inicialmente, defender a interdisciplinaridade, mais tarde abandonada em prol da multidisciplinaridade, como sugerido na epígrafe deste artigo. Neste artigo pretendo mostrar que praticamente todas as ideias defendidas por Slama-Cazacu são compatíveis com as da linguística ecossistêmica, mesmo que ela certamente não tenha tomado conhecimento sequer da ecolinguística em geral.

Provavelmente devido ao ambiente comunista em que se formou e atuou durante muito tempo, Slama-Cazacu tenha sido influenciada pelas ideias do marxismo. Ela cita Marx pelo menos em Slama-Cazacu (1956). Em Slama-Cacazu (1962) associa língua e trabalho, como os marxistas gostavam de fazer. Isso significa que sua concepção de língua como interação com certeza não foi influenciada diretamente pela filosofia de Humboldt, como sói acontecer e como aconteceu com seu grande conterrâneo Eugenio Coseriu.

## ECO-REBEL

Do início da carreira por volta de 1943 até 1968 Slama-Cazacu publicou basicamente em romeno, mas em 1961 seu livro de 1959 foi publicado em francês (*Langage et contexte*. Haia: Mouton, 1961), talvez porque durante o regime comunista o francês tinha mais presença na Romênia do que o inglês e o russo. Em 1968 publicou o livro *Introducere în Psiholingvistică (Introdução à psicolinguística*, Buc. Ed. Științifică, 1968), traduzido para o inglês e o italiano em 1973. Ela publicou diversos outros livros em romeno e em outras línguas, como autora e como coautora, além de cerca de 200 artigos e muitos capítulos de livros. A bibliografia sobre a obra de Slama-Cazacu é bastante extensa. Ela escreveu também alguns contos, romances policiais e peças teatrais. Alguns desses textos foram censurados.

Como já apontado acima, Slama-Cazacu nasceu e viveu grande parte de sua vida acadêmica sob o tacão do ditatorial, brutal e corrupto regime comunista de Nicolae Ceaușescu, que foi fuzilado por um pelotão do exército que passou para o lado do povo insurgente em 1989, por ocasião da queda da cortina de ferro dos países comunistas do leste europeu. Muitas ideias da autora têm como pano de fundo o marxismo, mesmo quando ela o tenha feito inconscientemente, pois ele era a ideologia impositivamente oficial em seu país até 1989. Na época, a visão ecológica de mundo não era comum, sobretudo nos países comunistas. Ela atuou não apenas em psicolinguística, mas também em linguística aplicada, linguística geral e até em fonética de laboratório. O *site* oficial da autora está em romeno e é muito antigo. O URL é <http://www.tatianaslamacazacu.ro/>.

Entre 1954 e 1968 Slama-Cazacu trabalhou em pesquisa científica no Instituto de Psicologia da Academia Romena. Ela era chefe do Laboratório de Psicologia da Linguagem e depois chefe do Departamento de Psicologia Geral. A partir de 1968 transferiu-se para a Faculdade de Letras da Universidade de Bucareste, onde, como professora universitária, ministrou pela primeira vez cursos de psicolinguística e linguística aplicada, criando, ao mesmo tempo, o primeiro laboratório de psicolinguística na Romênia. Infelizmente, o laboratório foi extinto em 1973 arbitrariamente. Em 1974 o filólogo Iorgu Jordan e o foneticista Alexandru Rosetti propuseram o nome de Slama-Cazacu como membro da Academia, mas ela foi substituída “na véspera” por ordem do Comitê Central do Partido Comunista Romeno, segundo o qual apenas aqueles que exerciam “atividades públicas”, isto é, políticas deveriam exercer essa função.

### 3. Língua como interação

Em vários lugares do presente artigo aparece a ideia de que Slama-Cazacu vê a língua como interação, ao ponto de partir do famoso esquema E, R, M e C (emissor, receptor, mensagem e código respectivamente) dos engenheiros da comunicação, a despeito das críticas que hoje se fazem a ele. Nesse sentido, já em 1962 publicou um artigo intitulado “Aspectos linguísticos da comunicação no processo de trabalho” (Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii). Vinte anos depois veio a lume o ensaio “Estrutura do diálogo: a propósito da ‘sintaxe dialogada’” (Structura dialogului: despre ‘sintaxa dialogată’ I, II), em duas partes (n. 3 e 4, 1982), na conhecida revista romena *Studii și cercetări lingvistice* (Estudos e pesquisas linguísticas), o que mostra a continuidade da visão de língua como comunicação, não apenas instrumento de comunicação.

Slama-Cazacu é crítica do método *Wörter und Sachen*, por trabalhar com palavras isoladas, não com a linguagem viva, que é oral e dialógica. Talvez devido à orientação dialético-materialista em que se formou e atuou durante a maior parte da vida, Slama-Cazacu sempre viu a língua claramente como interação. Já no livro *Limba și context*, publicado em 1959, a autora trata da linguagem claramente como fenômeno de comunicação. Isso se repete praticamente em todos os seus trabalhos, como o artigo “Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii” (Aspectos linguísticos da comunicação no processo de trabalho) e o livro *Dialogul la copii (Diálogo com crianças)*, ambos de 1962.

Uma grande inovação introduzida por Slama-Cazacu nos estudos linguísticos é o que chama de “sintaxe dialogada”, que se manifesta justamente na língua como interação. Grande parte das teorias linguísticas se limita às estruturas frasais, não ultrapassando o que a gramática tradicional chama de período composto. Slama-Cazacu parte da língua como sendo de base interlocucional, dialógica. Sua inovação é ter mostrado que entre as réplicas (enunciado do falante e a resposta do ouvinte) há conexões “sintáticas”, que ela chama de “sintaxe dialogada”, mas que creio que seria melhor chamar de “sintaxe dialógica” ou “sintaxe dialogal”. Como veremos mais abaixo, a “sintaxe dialogada” está intimamente associada à “sintaxe mista”, que também tem a ver com sua concepção de língua como interação. Em uma de suas inúmeras publicações, no caso um artigo em espanhol que parece ser um resumo de Slama-Cazacu (1982a, 1982b), ela define “sintaxe dialogada” da seguinte maneira:

Consideramos a *sintaxe dialogada* (SD) como um dos elementos definidores do diálogo e um dos meios fundamentais de sua estruturação. Produzida pela *interação dos*

## ECO-REBEL

*participantes* durante a comunicação oral (sobretudo face a face), a SD se correlaciona com a regra de alternância das réplicas, com sua *focalização* sobre um tema comum e com a estratégia de *referência contextual* (incluindo também a possibilidade de o locutor utilizar os *elementos implícitos e não verbais*). A metodologia adotada (em íntima ligação com nossa teoria dinâmico-contextual, que elaboramos tempos atrás) consistiu em registros complexos e análises de três *corpora* de diálogos em romeno. Consideramos a SD como um parâmetro fundamental. Esse parâmetro (a SD) foi definido pelas *conexões formais sintáticas* entre as réplicas (incluindo os elementos suprasegmentais e a ‘sintaxe mista’, ou seja, a unidade dos elementos verbais e não verbais). Portanto, nesse parâmetro as relações de conteúdo entre as réplicas não ficam excluídas. Essas conexões de SD implicam que as réplicas se complementam reciprocamente em sua unidade sintático-semântica (uma frase simples ou composta). Medimos a ocorrência da SD e constatamos que as particularidades da estratégia que engendra apareciam tanto nos *corpora* I (diálogo de crianças) e II (diálogo de adultos que trabalham em equipe), como no *corpus* III, recolhido recentemente e que contém 9 diálogos com um total de 2013 réplicas, 264 minutos de registro entre adultos, em situações semiformais/semi-informais do tipo diálogo-conversação “durante uma pausa” ou “ao redor de uma mesa” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 20-21).

Em outro lugar, a autora diz que “a SD [está] intimamente associada à ‘sintaxe mista’”. Acrescenta que “o encadeamento entre as réplicas se manifesta, nos diálogos, pela SD (seja entre réplicas de diferentes participantes [...], seja entre as réplicas de um mesmo participante). Os dois casos de SD se manifestam seja pelo fato de que (a) as diferentes réplicas formam, juntas, uma única frase complexa, sendo cada réplica uma proposição subordinada ou coordenada unida a uma réplica anterior que exerce o papel de proposição principal ou de proposição coordenada; seja pelo fato de (b) as diferentes réplicas formarem, juntas, em uma interdependência funcional, uma única proposição, na qual diversas réplicas podem ter, por exemplo, um tema comum”. A autora aduz: “consideramos como SD unicamente os casos em que as réplicas se complementam uma à outra em um todo, formando juntas uma única unidade sintática” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 10, 12). A autora apresenta um formalismo para representar as conexões de sintaxe dialogada e, até certo ponto, de sintaxe mista (SLAMA-CAZACU, 1982).

Sobre a “sintaxe mista” Slama-Cazacu diz que se trata da troca frequente de elementos verbais por elementos não verbais”, num processo de “integração de componentes no diálogo oral”. Deve ser ressaltado que “a sintaxe mista está intimamente associada à SD verbal. No diálogo, a SD contém também uma sintaxe mista” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 7, 12, 15).

O diálogo depende visceralmente do contexto, ao qual a autora dedicou sua tese de doutorado em 1949. Ela diz que “concebemos o contexto – desde final dos anos de 1940 – não só como uma configuração linguística, mas também como situação e circunstâncias sócio-históricas, sistemas de coordenadas dos participantes – por tanto todos os níveis contextuais possíveis (SLAMA-

## ECO-REBEL

CAZACU, 1983, p. 10). Numa figura de círculos concêntricos, Slama-Cazacu parte do “contexto total”, que contém o “contexto implícito (meio físico, situacional e social)”. No interior deste está o “contexto explícito”, em cujo interior está o “contexto linguístico (verbal)” e o “contexto extralinguístico (correlatos auxiliares, gestuais, mímicos etc.)” (SLAMA-CACACU, 1983, p. 9). A estudiosa romena Lavinia Nădrag fez um apanhado geral da obra de Slama-Cazacu que, segundo Nădrag tem uma "concepção 'dinâmico-contextual' sobre a comunicação" e critica a concepção de linguagem como "expressão", em vez de “como atividade psíquica bilateral, de emissão e recepção”. Para Nădrag, "a psicolinguística romena, por intermédio de T. Slama-Cazacu, desde o começo [tem visto a psicolinguística - UMF] como um estudo interdisciplinar voltado para um fenômeno complexo que é a comunicação humana, com tudo que isso implica: relação bilateral entre parceiros, código linguístico e não linguístico, determinação social, organização estrutural do sistema de signos, da mensagem, do contexto em que circulam as mensagens, das pessoas [...]. A hipótese fundamental em que aparece a linguagem deve ser procurada na situação de diálogo inclusa no contexto sócio-histórico que influencia profundamente a comunicação em todas as suas manifestações" (NĂDRAG, 2009, p. 97-198).

Nădrag menciona também a "sintaxe mista" de Slama-Cazacu, que consiste em "incluir entre os elementos verbais também elementos não verbais em uma mesma unidade sintática". Isso inclui "os componentes cinésicos, os articulatório-bucais, as expressões faciais utilizadas intencionalmente com os elementos gestuais, numa realização complexa, auditiva e visual que devem ser interpretadas em toda a sua complexidade com vistas à comunicação integral" (NĂDRAG, 2009, p. 99-100). Ressalta que "muito importante é a perspectiva do olhar e a posição dos parceiros no espaço", o que remete à regra interacional número 1 da linguística ecossistêmica. Nădrag mostra que para Slama-Cazacu "não se pode operar com um locutor 'ideal', não se pode ignorar a comunicação real nem muito menos isolar o enunciado do contexto da comunicação". Na interpretação de Nădrag, a "sintaxe dialogada, pode ser definida assim: situação em que as réplicas do diálogo se completam reciprocamente, formando uma única unidade sintática (proposição, frase)" (*ibidem*).

Slama-Cazacu toca inclusive no fato de que os monólogos contêm implícita uma certa dialogicidade. Embora em uma nota de rodapé, ela diga: “Outro tipo de comunicação é o fato de a fala de um único interlocutor dirigida a outros diferir do solilóquio, ou seja, a fala de uma única

pessoa, dirigida a ninguém, mas que pode incluir diálogo consigo próprio ou com interlocutores imaginários” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12).

### 4. Organização do diálogo

Uma consequência importante da concepção de língua como interação de Slama-Cazacu são seus estudos sobre a estrutura do diálogo, que emergiu das pesquisas sobre o papel do contexto na comunicação. Ela publicou pelo menos dois artigos com título de “estrutura do diálogo”, além de outros com outros títulos, mas dedicados ao diálogo (SLAMA-CAZACU, 1982a, 1982b). Dada sua visão ecológica de mundo, a linguística ecossistêmica prefere falar em organização do diálogo, em vez de “estrutura do diálogo”, pois como a própria autora mostra, ele é dinâmico, não estático como as estruturas. Slama-Cazacu só não usou essa terminologia por ela ainda não ser comum em sua época.

A organização do diálogo começa pela sintaxe dialogada, que “é formada pelas relações formais e o conteúdo inter-réplicas que fazem com que elas se completam mutuamente, constituindo uma única unidade sintático-semântica” (SLAMA-CAZACU, 1982a, p. 211). Isso porque “a sintaxe dialogal é um aspecto fundamental da estruturação do diálogo, mas não o único. Porém, ela não deve ser entendida como uma conexão ‘estritamente’ gramatical; envolve conexões semânticas, bem como não-verbais, paralinguísticas, fonêmicas, entonacionais e assim por diante. As ‘unidades de diálogo’ são *continua*, baseados ou não na sintaxe dialogal, mas, em todo o caso em estratégias implícitas, estruturadas por vários meios contextuais, com base num ‘tema’ comum (SLAMA-CAZACU, 1982b, p. 315)”.

A solicitação por parte do falante e o atendimento por parte do ouvinte (BACK; MATTOS, 1972, p. 9), ou seja, a alternância de turnos também faz parte da organização do diálogo. Na verdade, em vez de falante e ouvinte seria mais adequado falar-se em pessoa 1 ( $p_1$ ) e pessoa 2 ( $p_2$ ) para designar os interlocutores, pois, a ideia de que falante fala e ouvinte responde só vale para o primeiro momento do diálogo. Assim que  $p_2$  atende a solicitação de  $p_1$  passa a ser falante e  $p_2$  passa a ser ouvinte, já num segundo nível do diálogo. No terceiro, os papéis se invertem de novo e assim sucessivamente. Vejamos o seguinte excerto de diálogo, uma cláusula, que é a célula da comunicação na terminologia de Back & Mattos (1972, p. 7):



## ECO-REBEL

-p<sub>1</sub>: *Maria foi ao cinema?*

-p<sub>2</sub>: *Não, ela foi ao teatro.*

Nesse caso, tanto *não* quanto *ela* revelam uma conexão entre o enunciado de p<sub>1</sub> (a solicitação) e o de p<sub>2</sub> (o atendimento), como estratégias da “sintaxe dialogada”. O *sim* tem a mesma função (*Sim, ela foi ao cinema*). O *não* retoma diretamente o enunciado de p<sub>1</sub> e *ela* retoma *Maria*. Por fim, *foi* retoma o *foi* do primeiro enunciado. Vale dizer, a correferência e a anáfora são também estratégias utilizadas na sintaxe dialogal, que poderíamos chamar também de sintaxe interlocucional ou sintaxe interenunciado. Em vez de *não*, às vezes se usam palavras como *uai, então, pois é* etc.

Vejamos mais algumas das principais estratégias que caracterizam a sintaxe dialogal, enumeradas em Slama-Cazacu (1982b, p. 303-309). A primeira é a complementação da fala do parceiro na interlocução. Se p<sub>1</sub> diz *A chanceler da Alemanha.....* e hesita ou não se lembra do nome dela, p<sub>2</sub> pode completar *Ângela Merkel*. Isso revela espírito cooperativo no diálogo, num clima de harmonia, de comunhão. Pode haver complementação até da própria réplica quando, a certa altura o falante se dá conta de que no dissera anteriormente ficou faltando algo. Essa complementação pode ser de uma fala bem anterior, proferida vários turnos atrás. Mais, essa complementação pode ser de uma fala própria ou da do outro.

A implicatura também pode ser usada na organização do diálogo. Por exemplo, em uma estação de trem em Tóquio pode ocorrer o seguinte minidiálogo:

- p<sub>1</sub>: *Que horas são?*

- p<sub>2</sub>: *O trem está chegando.*

Nesse caso, houve atendimento à solicitação de p<sub>1</sub>, pois ambos sabem a que horas o trem chega. A afirmação de que o trem está chegando implica a hora em que ele sempre chega.

O quiasmo também pode ser uma estratégia da sintaxe dialogal, como no seguinte diálogo monoclausal:

- p<sub>1</sub>: *Você é louco!*

- p<sub>2</sub>: *Louco é você.*

## ECO-REBEL

Embora ele ocorra mais no interior do enunciado de um único falante, como em *Tinhas a alma de sonhos povoada / E a alma povoada de sonhos eu tinha*, do poema “Nel mezzo del camin”, de Olavo Bilac, e no provérbio *Quem com ferro fere / com ferro será ferido*, de origem bíblica. A segunda parte do quiasmo é uma imagem especular da primeira, como já implícito na palavra ‘quiasmo’, do nome da letra grega *chi* (x).

Há relações mais complexas. Pode acontecer de a retomada de algo de um turno anterior se dar não apenas por uma das estratégias já assinaladas. Além disso, elas podem vir acumuladas com sintaxe mista, ou seja, com a ajuda de componentes entonacionais, proxêmicos, cinésicos, paralinguísticos etc., caso em que entra em ação a sintaxe mista. A entoação, por exemplo, entra já na primeira cláusula do diálogo: p<sub>1</sub> profere sua solicitação em tom ascendente (de pergunta) e p<sub>2</sub> atende começando em tom alto e descendo no final, algo como / \, de maneira altamente estilizada. As peculiaridades da personalidade dos interlocutores também podem influenciar as diversas relações interpessoais no diálogo. Pode haver complementação da intervenção por parte de um terceiro a uma réplica de p<sub>1</sub> ou de p<sub>2</sub>. Enfim, as estratégias que podem ser utilizadas na sintaxe interenunciado, ou conexão interenunciado, são dos mais variados tipos. O assunto merece um estudo mais aprofundado.

### 5. Outros conceitos de Slama-Cazacu

Alguns conceitos como o de ecossistema linguístico constituído de P-T-L ficam implícitos em sua concepção de contexto e de comunicação. Da interação comunicativa ela diz que “implica a existência de uma ligação entre duas pessoas pelo menos, das quais uma se exprime com a intenção de comunicar um conteúdo psíquico – uma ideia, uma ordem, um estado afetivo –, que ela transmite à outra”. A autora continua dizendo que "confrontada com a Linguística propriamente dita, a Psicolinguística é uma ciência explanatória, que opera com fatos linguísticos *concretos*, com as 'mensagens' que circulam entre emissores e receptores, e que encontra sua explanação em processos psicológicos (gerados em seres humanos *concretos*, que vivem em contextos de relacionamento social)" (SLAMA-CAZACU, 1995, p. 10-12).

Slama-Cazacu reconhece explicitamente a existência das três dimensões da língua (natural, mental, social). De acordo com ela, “este fenômeno, humano por excelência que é a linguagem humana é guiado pela consciência. Ele deve ser estudado e explicado pelo prisma do determinismo social e pela relação com a totalidade da vida psíquica”, na qual o pensamento exerce um papel importante,

## ECO-REBEL

e que ao mesmo tempo implica a atividade de uma base anátomo-fisiológica” (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 312). No caso, “base anátomo-fisiológica” está para a dimensão física, natural da linguagem; “consciência” e “vida psíquica” estão para a mental, e o “determinismo social” está para o ecossistema social da língua. Só faltou falar em um enfoque abrangente que incluiria essas três dimensões, o ecossistema integral da língua, o que não fica totalmente de fora de sua teoria, como sugerido mais abaixo.

A ideia de língua como interação é introduzida com a asserção de que “vivemos uma época de negociações, e elas são predominantemente *orais*” (SLAMA-CAZACU, 1973; 1982; 1983). De acordo com seu método dinâmico-contextual, muito bem apresentado em Slama-Cazacu (1971), até o texto é analisado como uma organização em movimento. Para ela, “a psicolinguística estuda a língua em suas realizações concretas, em suas ‘mensagens’, na relação entre emissores e receptores, bem como com as diferentes situações em que os dois se encontram (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 312).

Outro conceito, um dos mais centrais na teoria de Slama-Cazacu, é o de dialogicidade. Segundo a autora, “o diálogo é uma forma de comunicação entre duas ou várias pessoas, em uma situação comum, através da qual a informação é transmitida com objetivos variados e que se caracteriza por uma conexão interativa entre os participantes, por seus interesses mútuos e pela orientação de cada participante para com os outros, mais especificamente pelo intercâmbio alternativo das réplicas, pela dosificação (a longitude proporcionada) de réplicas e pela forma linguística de concatenação sintático-contextual entre as réplicas” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 11-12).

Um conceito importante em toda a pesquisa de Tatiana Slama-Cazacu é o de contexto; tanto que em 1959 ela publicou um livro intitulado justamente *Linguagem e contexto*, já mencionado acima. Para ela, contexto é a “situação em que se encontram os sujeitos da fala” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 35). Diz ainda que “situação ou contexto deve ser entendida em um sentido amplo, isto é, as motivações, os conhecimentos de cada pessoa, sua concepção da dinâmica psíquica geral e momentânea, a capacidade de memorização das formas linguísticas, os traços que implicam a pertinência de um falante a determinado meio etc. Deve ser entendido também que o contexto linguístico, o contexto extralinguístico, o contexto implícito e o contexto social geral formam um contexto total” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 35-36), como já comentado em Couto (2017, p. 101-102). Alhures a autora diz que “concebemos o contexto – desde finais dos anos 40 – não só como uma configuração linguística, mas também como situação e circunstâncias sócio-históricas,

## ECO-REBEL

sistemas de coordenadas dos participantes, portanto, todos os níveis contextuais possíveis” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 10). É a ecologia da interação comunicativa.

Slama-Cazacu fala do princípio de adaptação ao contexto (SLAMA-CAZACU, 1956), assunto estudado também por Makkai (1993, p. 101-111), embora de outra perspectiva. Para a autora, “uma adaptação organizada se manifesta, em primeiro lugar, pela escolha dos meios expressivos: escolha das palavras mais adequadas para designar os objetos ou fenômenos em questão” (p. 108). Diz ainda que “a gramática é um meio [...] de realizar a adaptação ao contexto, de fazer compreender as palavras relacionando-as uma à outra e a toda a situação” (p. 110). Por isso, “a adaptação ao contexto constitui no fundo a própria base da gramática, que compreende as regras que põem as palavras em relação, logo, as regras de acordo com as quais elas se enquadram em um conjunto e se modificam na relação umas com as outras palavras” (p. 114). Por fim, ela afirma que “é necessário aplicar este mesmo princípio de adaptação ao contexto aos problemas de vocabulário e de sublinhar que é indispensável que cada palavra seja bem especificada pelas outras e por todo o contexto a fim de que a expressão possa ser compreendida” (p. 115). A autora diz ainda que “na interação comunicativa emissor e receptor adaptam-se reciprocamente a fim de encontrar um contexto comum” (SLAMA-CAZACU, 1982, p. 211), antecipando a regra interacional número 13 da linguística ecossistêmica.

Enfim, “o fato de se referir à situação – no sentido de meio concreto envolvente ou ambiência geral, comum aos interlocutores – não é de forma nenhuma prova de inferioridade para as formas de comunicação: a linguagem não só recorre ao ambiente constantemente, mas, o que é mais, a compreensão seria mesmo inconcebível sem essa referência contínua às circunstâncias atuais em que se encontram os parceiros” (SLAMA-CAZACU, 1956, p. 101-102).

Para a autora, “a psicolinguística pode estudar seu objeto mediante a análise do ato da comunicação, e o discerne melhor durante a comunicação oral, dialogada” (SLAMA-CAZACU, 1973, p. 38-39), e aqui já se antevê o ato de interação comunicativa. A autora aponta até mesmo para o que chamamos de regras interacionais, ao falar de “as regras gerais do diálogo” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 12).

Slama-Cazacu (1984) tocou na questão da interação pessoa-mundo, usando a linguagem, ou seja, a referência. E mais, “a natureza, que se forma e transforma continuamente, e sobretudo a ação contínua que a sociedade exerce sobre ela, [...] – juntamente com a variabilidade do meio social [...] e psíquico – imporiam a necessidade de expressões novas para os fenômenos ou elementos

recentemente aparecidos ou descobertos ou para renovar os que já existem (SLAMA-CAZACU, 1956, p. 82).

### 6. Metodologia

No início de suas pesquisas Slama-Cazacu via a psicolinguística em um contexto interdisciplinar. Ela seria uma espécie de intersecção entre psicologia e linguística. Mais tarde, passou a vê-la como uma disciplina autônoma, que pode ser o ponto de partida e de chegada para um diálogo com as demais disciplinas dedicadas ao estudo dos fenômenos da linguagem. Vale dizer, Slama-Cazacu passou a adotar a multidisciplinaridade.

Mais do que muitas outras teorias linguísticas, a psicolinguística tem a metodologia como um complemento indispensável. Para Slama-Cazacu, “tanto o método indutivo quanto o dedutivo são igualmente úteis e devem ser utilizados complementando um ao outro”. Como trata do “complexo fenômeno da comunicação”, o método que preconizamos é consequentemente, um método dinâmico-contextual”. Para ela, “essa metodologia leva a um aumento de interesse pelo estudo da linguagem em sua dinâmica genética ou evolutiva em geral”. Tudo isso em relação com o contexto. Os principais procedimentos metódicos ou os métodos” são “observação e experimentação” e “estatísticas” (SLAMA-CAZACU, 1965, p. 313-414). Tudo isso lembra muito a ecometodologia (COUTO, 2018).

Para Slama-Cazacu, “o método dinâmico-contextual implica, em primeiro lugar, a consideração dinâmica dos fenômenos em desenvolvimento e, em segundo lugar, a necessidade de ter sempre em conta, no estudo da comunicação, o contexto (o ambiente geral, a situação concreta em que se encontram os interlocutores e os conjuntos discursivos em que se integra cada componente da expressão verbal” (SLAMA-CAZACU, 1983, p. 38). Além da metodologia, a autora está descrevendo também a ecologia da interação comunicativa.

Diante de tudo que acaba de ser dito sobre metodologia, já se pode ver que para Slama-Cazacu a psicolinguística deve ser multidisciplinar. Ela diz: “sugeri a substituição do epíteto ‘interdisciplinar’ associado à Psicolinguística: não apenas para indicar uma *perspectiva ‘multidisciplinar’*, mas, sobretudo, para enfatizar as muitas *conexões* da Psicolinguística atual e futura (‘multidisciplinarmente conectada’); “discutir o estatuto da Psicolinguística como ponto de partida e de chegada para muitas outras ciências”. Para a autora, “a futura Psicolinguística (e a presente também) será multidisciplinarmente conectada, ou deixará de existir” (SLAMA-

CAZACU, 1995, p. 10). Nos anos 50 e 60, “nós [...] costumávamos pensar [...] na Psicolinguística como uma ciência *interdisciplinar*”. Por isso, “sem desmerecer o esforço dos pioneiros [...] afirmo categoricamente que hoje não é mais suficiente dizer que a Psicolinguística é uma ‘ciência interdisciplinar’ (p. 11). Ela tem “conexões multidisciplinares” (12). Mais, “a interação entre psicolinguística e outras ciências deve ser “*centrífuga e centrípeta* a partir do ponto de referência constituído pela Psicolinguística” (p. 17). Ela diz que “embora a Psicolinguística deva mover-se na direção de outras ciências, estas devem igualmente buscar naquela subsídios, modos de abordagem e metodologia” (SLAMA-CAZACU, 1995, p. 18), a ponto de Silva (2021, p. 1) dizer que ela defende algo como um psicolinguisticocentrismo, com perdão da palavra um tanto desajeitada. Parece que Slama-Cazacu está descrevendo a ecometodologia (multimetodológica) da linguística ecossistêmica.

### 7. Outras atividades

Voltando às palavras da própria Slama-Cazacu, vemos que para ela não é a linguagem que cria o mundo porque ele é maior do que ela. Em suas palavras, “por mais rica que seja uma língua, ela não pode oferecer formas suficientes para dar conta da realidade dinâmica e, conseqüentemente, sempre variável” do mundo (SLAMA-CAZACU, 1956, P 82).

A ideia de uma “linguística ecossistêmica” não se encontra em sua obra, devido principalmente ao *Zeitgeist* dominante em sua época e em seu país (materialismo dialético e histórico, marxismo) e a sua ênfase na própria língua e em seu contexto, como mostrado no livro de 1959 (*Limbaș și context*). Além do mais, a ideologia comunista põe em primeiro lugar a política, o conflito entre dominantes e dominados (ou oprimidos e opressores), não a vida. No entanto, se Slama-Cazacu estivesse produzindo em nossa época, é bem provável que assumisse o ponto de vista da visão ecológica de mundo e, conseqüentemente, proporia algo muito próximo da atual ecolinguística e seu ramo linguística ecossistêmica.

Até agora eu pensava que a linguística ecossistêmica tinha sido a primeira a utilizar o termo ‘biopsicossocial’ na abordagem da língua de uma perspectiva holística. No entanto, pelo menos na seção Concepções Científicas do *site* de Tatiana Slama-Cazacu está dito que ela tinha “uma concepção do homem como um todo, da Linguagem não como um ‘organismo vivo’, independente (concepção ultrapassada), mas existente no homem, em sua realidade biopsicossocial” (*bio-psiho-socială*).

## ECO-REBEL

Slama-Cacazu teve também uma produção literária, estreando na prosa com o conto “pe Țară” (No país), publicado em *Provincia*, logo em seguida suspensa. O Ministério da Cultura julgou três contos da autora como místicos, o que em verdade não eram. Esses contos são “Doamnele” (As Senhoras), “Luceafărul” (a Estrela d’Alva) e “Parfum de călțunași” (Cheiro de Feridas). A Comissão do Sindicato dos Escritores postergou sua admissão, de modo que só foi recebida em 2001, após a queda do regime comunista, primeiro na seção Crítica Literária, depois realocada para a de Prosa.

Slama-Cazacu criou, organizou e dirigiu o *International Journal of Psycholinguistics* (IJPL), interrompido em 1980, mas retomado no Japão em 1993. Era presidente honorária da International Society of Applied Psycholinguistics. Ela teve uma intensa atividade internacional, inclusive no Brasil, como professora convidada, proferindo conferências plenárias, ministrando cursos de curta duração e outras atividades. Para mais detalhes sobre sua carreira acadêmica, pode-se consultar seu *site* oficial mencionado acima, embora ele seja um tanto caótico.

### 8. Observações finais

No Brasil, além do livro *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas* (São Paulo: Pioneira, 1979), princípios defendidos por Slama-Cazacu podem ser vistos também na obra da psicolinguista brasileira Leonor Scliar-Cabral. Eis alguns exemplos:

- Resenha de Tatiana Slama-Cazacu *Analisi Contestuale-Dinamica del Testo Letterario. Travessia* (UFSC, Florianópolis), 1984, v. 8/9, p. 210-201.

-O método contextual-dinâmico aplicado à análise de textos literários. In: *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*. Rio de Janeiro: ANPOLL/UFRJ, 1987, p. 199-200.

- O método contextual-dinâmico aplicado a uma Ode de Ricardo Reis. In: *ACTAS: IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos*. São Paulo: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1988, p. 495-499.

- *O método contextual dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989, 71 p.

Em Scliar-Cabral (1991, p. 121-143) encontra-se uma descrição de seu próprio “modelo integrado, contextual, interativo, dinâmico e criativo”, qualificação que lembra muito a proposta de Slama-Cazacu, e da linguística ecossistêmica, por sinal. Em Silva (2021) encontram-se várias referências à obra de Tatiana Slama-Cazacu.

## ECO-REBEL

O presente artigo é um trabalho não apenas de historiografia ecolinguística, mas também de cunho filológico, pois, como dizem as definições da filologia, ela trata de questões da língua debruçando-se sobre textos e documentos escritos. É o que pretendi fazer debruçando-me sobre os textos da psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu.

Como praticada pela autora, a psicolinguística está mais próxima da ecolinguística do que da sociolinguística, como pensam Haarmann (1980) e muitos outros estudiosos. Tanto que foi um psicolinguista, Kurt Salzinger, quem propôs uma “ecolinguística” que é muito mais próxima do que se faz hoje em dia do que o que fizeram os precursores Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1972). O curioso é que Salzinger aparentemente não conhecia nada do que já estava sendo dito sobre as relações entre língua e ecologia. Ele pensava que estava propondo uma disciplina inteiramente nova, sobretudo o nome dessa disciplina, ‘ecolinguística’. Para o que interessa no presente contexto, mais importante é o fato de as ideias apresentadas por Salzinger serem todas inteiramente compatíveis com a linguística ecossistêmica, motivo pelo qual merece uma análise em *ECO-REBEL* (SALZINGER, 1979). Espero poder fazê-lo algum dia.

Muitos livros e artigos de Slama-Cazacu foram traduzidos para diversas línguas. Em português, porém, existem muito poucas, como o livro *Psicolinguística aplicada ao ensino de línguas* (São Paulo: Editora Pioneira, 1978) e o artigo Slama-Cazacu (1995). A psicolinguista Leonor Scliar-Cabral foi uma divulgadora da obra da autora no Brasil.

Por tudo que foi dito acima podemos afirmar com toda segurança que a psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu é uma precursora das ideias defendidas pela linguística ecossistêmica. Assim sendo, podemos asseverar que ela foi uma linguista ecossistêmica *avant la lettre*.

### Referências

BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: Editora F.T.D., 1972.

COUTO, Hildo Honório do. *Contato interlinguístico: da interação à gramática*, 2017. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/e-book-Forma.pdf>

\_\_\_\_\_. A metodologia na linguística ecossistêmica-ADE. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, p. 18-33, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

HAARMANN, Harald. *Multilingualismus II: Elemente einer Sprachökologie*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1980, p. 842-852.



## ECO-REBEL

MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.

NĂDRAG, Lavinia. O abordare psiholingvistică a cercetărilor referitoare la comunicare. *Intertext* 1-2, 2009, p. 95-101.

SALZINGER, Kurt. Ecolinguistics: A radical behavior theory approach to language behavior. In: AARONSON, D., REIBER, R. W. (orgs.). *Psycholinguistics research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, p. 109-130, 1979.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Márcio M. G. O ecossistema mental da língua e a psicolinguística. *ECO-REBEL* v. 7, n. 2, 2021, p. 17-30. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

SLAMA-CAZACU, Tatiana. Le principe de l'adaptation au contexte. *Revue de linguistique*, tomo 1, 1956, p. 80-118.

\_\_\_\_\_. Aspecte lingvistice ale comunicării în procesul muncii. *Studii și cercetări lingvistice* v, XIII, n. 2, 1962, p. 227-245.

\_\_\_\_\_. 1965. La méthode psycholinguistique et quelques-unes de ses applications. *Revue roumaine de linguistique* v. X, n. 1-3, 1965, p. 309-316.

\_\_\_\_\_. Die dynamisch-kontextuelle Methode in der Sprachsoziologie. In: KJOLSETH, Rolf; SACK, Fritz (orgs.). *Zur Soziologie der Sprache*. Opladen: Westdeutscher Verlag, p. 73-86, 1971.

\_\_\_\_\_. La psicolingüística y la aplicación del método dinámico-contextual en la dialectología. *Anuario de Letras. Lingüística y Filología* XI, 1973, p. 35-57.

\_\_\_\_\_. Structura dialogului: despre 'sintaxa dialogată' I. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982a, p. 301-321.

\_\_\_\_\_. Structura dialogului: despre 'sintaxa dialogată' II. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982b, p. *Studii și cercetări lingvistice* XXXIII, n. 4, 1982, p. 211-224.

\_\_\_\_\_. Las relaciones interpersonales y estructuración del diálogo: "La sintaxis dialogada". *Anuario de psicología* n. 29, 1983.

\_\_\_\_\_. La dénomination chez les enfants et quelques problèmes psychologiques généraux de la dénomination. *Langages*, 19e année, n. 76, 1984, p. 7-18.

\_\_\_\_\_. La 'langue de bois' et quelques problèmes de communication. *Linx*, n. 29, 1993, p. 85-97.

## ECO-REBEL

\_\_\_\_\_. Por que uma nova perspectiva para a psicolinguística: "Uma ciência multidisciplinarmente conectada". *Letras de hoje* v. 30, n. 2, 1995, p. 9-20.

VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M. 1964. Languages of the world: Native America fascicle one – Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics* v. 6, n. 6, 1964, p. 1-151.

VOICU, C.; MOȚESCU, Maria; NICOLA, Grigore. In memoriam Tatiana Slama-Cazacu. *Revista de psihologie* v. 57, n. 3, p. 279-283, 2011. Disponível em:

[http://www.revistadepsihologie.ipsihologie.ro/images/revista\\_de\\_psihologie/2011\\_03/art%208%20in%20memoriam.pdf](http://www.revistadepsihologie.ipsihologie.ro/images/revista_de_psihologie/2011_03/art%208%20in%20memoriam.pdf)

Aceito em 10/12/2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 8, N. 1, 2022.